

O AUTISMO E O REINO DE DEUS

Uma perspectiva sobre o suporte oferecido pela Igreja às famílias com crianças atípicas

Jair Pereira de Deus

Mariane de Carvalho Godoi Lopes

Resumo: A inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista no espaço religioso tem se mostrado um verdadeiro desafio para as igrejas. Com o crescente número de pessoas identificadas no espectro, as comunidades de fé acabam por não dar o devido cuidado, tão necessário para integrar e acolher essas pessoas e suas respectivas famílias, que também padecem com o estigma. Ainda que o pecado seja o causador das desordens na natureza criada por Deus e, conseqüentemente, afete os relacionamentos, é a igreja, cognominada nas Escrituras como Corpo de Cristo, quem tem o privilégio de iluminar e temperar a vida dessas pessoas pelo exemplo do Evangelho. Acolher famílias e pessoas neurodivergentes é um dos caminhos possíveis pelo qual o artigo se propõe. Para tanto, foi tomado como referência o Ministério Eficiente, departamento que atende pessoas com deficiência na PIB - Primeira Igreja Batista de Curitiba, Paraná.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Igreja. Acolher.

Abstract: The inclusion of people with autism spectrum disorder in the religious sphere has proved to be a real challenge for churches. With the growing number of people identified on the spectrum, faith communities end up not providing the care that is so necessary to integrate and welcome these people and their families, who also suffer from the stigma. Although sin is the cause of disorders in God's created nature and consequently affects relationships, it is the church, known in the Scriptures as the Body of Christ, that has the privilege of enlightening and tempering the lives of these people by the example of the gospel. Welcoming families and neurodivergent people is one of the possible paths that this article proposes. For this purpose, the Efficient Ministry, a department that serves people with disabilities at PIB - First Baptist Church of Curitiba, Paraná, was taken as a reference.

Key-words: Autistic Spectrum Disorder. Church. Welcoming.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade tem experimentado um significativo crescimento no número de diagnósticos de pessoas com autismo. Conforme essa condição tem se

tornado notícia constante nos veículos de comunicação e mídias sociais, mais casos surgem à medida que a comunidade médica se debruça em pesquisas, medicamentos e terapias que tragam luz e melhoria na qualidade de vida das pessoas afetadas.

O TEA, sigla para Transtorno do Espectro Autista é uma condição neurológica evidenciada “por algum grau de dificuldade de interação social e comunicação. Outras características são padrões atípicos de atividades e comportamentos [...]” (OMS, 2023).

Foi a partir da experiência pessoal do autor deste artigo, pai de um adolescente autista, que surgiu a necessidade de discorrer sobre o tema no âmbito acadêmico, com o intuito de ampliar o debate em torno desse quadro, que é o autismo e seus desafios de inclusão no espaço de culto.

Dadas as inúmeras dificuldades enfrentadas pelas famílias que vivem o contexto do autismo no seu dia a dia, que lidam com os problemas de saúde associados ao TEA, a desregulação sensorial, os altos custos das terapias e a depressão, a igreja precisa responder à altura dos fatos, modificando padrões enrijecidos que não permitem a integração dessas pessoas em suas celebrações.

É a essa proposta que o artigo em questão se rende, ensejando que o assunto gere reflexão, e esta se transforme na prática do acolhimento daqueles que, a despeito de suas especificidades, também são criação de Deus.

2. O PROBLEMA DO PECADO

O apóstolo Paulo, ao escrever o livro de Romanos, declara: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3:23).

Ao asseverar o fato de que todos da raça humana são pecadores, o apóstolo desenvolve o entendimento de que esse problema crônico é intrínseco ao ser humano, ou seja, não há como dele escapar; desde Adão, o representante da raça, o pecado tornou-se inerente ao homem, portanto: “Concluindo, da mesma forma como o pecado ingressou no mundo por meio de um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte foi legada a todos os seres humanos, porquanto todos pecaram” (Rm 5:12).

No primeiro livro da Bíblia temos a menção à queda humana e suas consequências:

Para a mulher sentenciou o SENHOR: “Multiplicarei grandemente o teu sofrimento na gravidez; em meio à agonia darás à luz filhos; seguirás desejando influenciar o teu marido, mas ele te dominará!” Então voltou-se para o homem e ordenou: “Porque escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore que Eu te proibira comer, maldita é a terra por tua causa! Com sofrimento obterás do solo o teu alimento, todos os dias da tua vida. A terra produzirá espinhos e ervas daninhas, e tu terás de comer das plantas do campo. Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes ao solo, pois da terra foste formado; porque tu és pó e ao pó da terra retornarás!” Por isso o SENHOR expulsou o ser humano do jardim do Éden e fez que ele lavrasse a terra da qual havia sido formado (Gn 3:16-19, 23).

Do texto sagrado infere-se que o pecado foi, entre tantas outras designações, um ato de rebeldia contra Deus e sua palavra, e João, um dos doze apóstolos de Jesus, enfatiza isso em sua primeira epístola quando diz que “Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei” (1 Jo 3:4).

No livro Teologia Sistemática Pentecostal, o pastor Elienai Cabral explica que, um dos termos para definir pecado, tanto no Antigo como no Novo Testamento, sugere a intenção humana:

Hatta t. Este vocábulo, [...] e seu termo correlato no Novo Testamento – *hamartia* – sugerem a ideia de “errar o alvo” ou “desviar-se do rumo”, como o arqueiro antigo que atirava as suas flechas e errava o alvo. Porém, o termo também sugere alguém que erra o alvo propositadamente; ou seja, que atinge outro alvo intencionalmente (Cabral et al., 2008, p. 302).

Os relatos dos capítulos iniciais do livro de Gênesis atestam que a degradação humana é um fato, e tudo o que vem a seguir corrobora com o veredito divino.

O precursor do movimento metodista e pastor da igreja anglicana da Inglaterra, John Wesley, em um de seus célebres sermões aprofunda essa questão:

Reconhece-te pecador e de que maneira o és. Reconhece a corrupção de tua íntima natureza, pela qual estás muito distanciado da justiça original, e pela qual ‘a carne cobiça’ sempre ‘contra o espírito’, mediante essa ‘mente carnal’ que ‘é inimiga de Deus’, que ‘não é sujeita à lei de Deus, nem de fato o pode ser’. Sabe tu que és

corrompido em toda a tua capacidade, em cada faculdade de tua alma. Sabe que és totalmente corrompido em tudo isso, inteiramente pervertido. [...] Tua vontade não é mais a vontade de Deus, mas está inteiramente pervertida e falseada, avessa a todo o bem, a tudo quanto Deus ama, e inclina-se para todo o mal, para toda abominação que Deus odeia. [...] Todas as tuas paixões, sejam desejos ou aversões, alegrias ou dores, esperanças ou temores, estão desajustadas, não se mantêm nas devidas proporções ou têm por alvo objetos impróprios. Assim sendo, não há sanidade em tua alma, mas 'desde a planta do pé à cabeça' – na expressão forte do profeta – 'não há coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas'. Tal é a corrupção inata do teu coração, de tua íntima natureza... E que frutos podem brotar de tais ramos? Só frutos amargos e ruins continuamente. (WESLEY, [1872], tradução nossa).

À esta condição em que o ser humano se encontra soma-se a sua total incapacidade de, por si só, resolver satisfatoriamente seu quadro, pois o seu atestado é de morte (Ef 2:1). Para tanto, Deus enviou seu único Filho ao mundo a fim de que, morrendo em lugar dos pecadores, pudesse liquidar a impagável dívida da humanidade para com Deus e, aplacando a ira divina sobre si, proveu o caminho de acesso. Ou seja, para o contexto do pecado, somente alguém sem pecado poderia reverter o plano, exatamente o que Deus fez em Jesus Cristo, seu filho (Jo 3:16).

2.1 Como o pecado afeta nossos relacionamentos

O problema do pecado é também descrito pelo apóstolo dos gentios como inimizade (Rm 5:10), isto é, a ruptura ocasionada pela desarmonia dentro de uma relação de fraternidade, amizade. Assim, compreendemos que o resultado do pecado atingiu todas as instâncias da vida na terra, interferindo, inclusive, na maneira como as pessoas interagem, seja dentro de um mesmo contexto familiar, religioso e civil.

Ao comentar sobre o pecado, Berkhof (2012, p. 26) diz que ele “trouxe consigo corrupção permanente, corrupção que, dada a solidariedade da raça humana, teria efeito, não somente sobre Adão, mas também sobre todos os seus descendentes”. É isso que se observa em uma simples análise: não há nuances da vida que a transgressão não tenha corrompido, e os irmãos Caim e Abel, no texto bíblico, reforçam a compreensão de que, mesmo entre relacionamentos próximos, o mal tem seu lugar cativo (Gn 4:1-16).

Mas a extensão do mal, não se restringe a atitudes de violência. Enraizada, se manifesta nas opiniões, nas deliberações, nas estratégias e nos julgamentos que as relações interpessoais recebem, desde o mais singelo aceno com a cabeça até as expressões veladas do coração. Isto, de certa forma, explica a razão de, apesar do crescente e alarmante número de pessoas com algum tipo de especificidade, nos depararmos na sociedade com racismo, ataques, preconceitos, agressões e indiferença. Keller (2020, p. 20) declara que “Em Atos 10:34, Pedro aprende que “Deus não trata as pessoas com base em preferências”, com base no *status* nacional ou étnico. É pecado ser parcial e discriminatório, pois isso está aquém do caráter e da glória de Deus”.

Nouwen (2014, p. 33) também pondera de uma outra perspectiva. Segundo ele, o problema está no coração:

É na solidão que esta solidariedade compassiva se desenvolve. Nela nos damos conta de que nada do que é humano nos é estranho, que as raízes de todos os conflitos – guerra, injustiça, crueldade, ódio, ciúme e inveja – estão profundamente aferradas em nosso próprio coração. Nesse momento, nosso coração de pedra pode ser transformado num coração vivo; um coração rebelde, num coração contrito, e um coração cerrado, num coração que pode se abrir a todos os que sofrem, num gesto de solidariedade.

Para Mello (2016) “Atitudes capacitistas contra pessoas com deficiência refletem a falta de conscientização sobre a importância da sua inclusão e da acessibilidade”. Oliveira (2022, p. 12) diz que o capacitismo “pode ser entendido como ações, expressões e experiências que implicam exclusão, discriminação e negação de direito às pessoas com deficiência”.

Todos os dias nos deparamos com algum tipo de exclusão direcionada à pessoa com deficiência. Em um momento é a falta de acessibilidade para um cadeirante, em outro é a comunicação carregada de teor discriminatório, e em outros momentos se revela na recusa em se aproximar, no afastamento, como se a deficiência fosse contagiosa, asquerosa. Por meio da compreensão e ótica do texto bíblico, podemos influir que todos esses comportamentos que violam a harmonia entre os relacionamentos e geram discriminação são fruto do pecado.

Os efeitos do pecado são devastadores porque ele gera morte (Rm 6:23), mas Paulo sinaliza que, a esperança para tão grave problema encontra-se em Cristo, sinônimo da própria vida (1 Jo 5:12). Washer (2013, p. 62) declara que

“No presente, o crente está sendo salvo do poder do pecado. Esse é um processo gradual conhecido no Novo Testamento como santificação progressiva”. É no processo de santificação que o pecador arrependido encontra possibilidades de expressar o amor de Deus, inclusive nos seus relacionamentos.

Embora saibamos que, biblicamente, o problema do pecado nas relações humanas será definitivamente liquidado quando Cristo reinar e Satanás não mais puder influenciar corações, resta à igreja militante, cumprindo as palavras de Jesus (Mt 5:13, 14), exercer seu papel influenciador em todos os âmbitos da sociedade, a fim de que a luz brilhe em meio às trevas, e o sal tempere as relações, minimizando tanto quanto possível os efeitos do pecado, particularmente, no que diz respeito às pessoas com deficiência.

3. A IGREJA E A PESSOA COM TEA

O CDC, Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos divulgou um relatório na internet, onde afirma que, em 2016, numa população de 1000 crianças de até 8 anos de idade, a prevalência do Transtorno do Espectro Autista era 1 em cada 54 crianças; algo em torno de 2% da população. O mesmo órgão relatou que, em 2018, o número disparou para 1 em cada 44, e em 2020 já era 1 em cada 36, ou seja, 2,5% da população americana, e crescendo (CDC, 2024).

O quadro referente ao Brasil pode ser bem parecido com o dos Estados Unidos. O IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apesar de ter incluído no último censo realizado em 2022 dados relacionados à pessoa com deficiência, divulgará seus resultados apenas no último trimestre de 2024, segundo Ventura (2024), do jornal Estadão.

Porém, se levarmos em conta os mesmos parâmetros adotados pelos órgãos americanos, a referência de 1 para cada 36 crianças em uma população aproximada total de 213 milhões de habitantes, segundo estimativas do IBGE em 2021, resultará em quase 6 milhões de crianças dentro do Transtorno do Espectro Autista no Brasil, algo a ser confirmado quando da divulgação do censo.

A partir desses números podemos inferir que deve haver incontáveis famílias com pessoas dentro do espectro autista que gostariam de fazer e sentir-se parte de uma comunidade de fé. Assim como há a inclusão escolar, a inclusão social, também deve existir a inclusão no seio da igreja. Mas, esse aspecto ainda caminha a passos lentos, o que é contraditório, pois as Escrituras demonstram em textos como o de Marcos, “[...] e lhes advertiu: “Deixai vir a mim os pequeninos. Não os impeçais, pois deles é o Reino de Deus”” (Mc 10:14).

O médico e evangelista Lucas, autor do terceiro evangelho, também fez menção das palavras de Cristo, que publicamente declarou “[...] Os que têm saúde não precisam de médico, mas sim os enfermos” (Lc 5:31).

As atitudes inclusivas e acolhedoras de Jesus durante sua vida e ministério, de certa forma contrastam com as diferentes comunidades de fé, estruturadas, abertas e receptivas para pessoas “normais” na sociedade. Mas, a mensagem do evangelho é universal, e, portanto, alcança, acolhe e cuida do “diferente”, do neurodivergente, daquele que, como nas palavras do Cristo, precisa de médico.

A valorização faz parte do ministério da igreja, pois Jesus também valorizava a inclusão e a dignidade de todas as pessoas. Ele quebrou barreiras sociais e religiosas ao interagir com pessoas consideradas marginalizadas pela sociedade. Ele ensinou que o amor ao próximo e a aceitação mútua são essenciais (FIGUEIREDO, 2024, p. 10).

É salutar ressaltar os gestos de Jesus e sua compreensão diante das necessidades humanas, a fim de que o ambiente eclesial não perca de vista o seu papel, na qualidade de representante terreno das perspectivas celestiais. Um exemplo marcante disso temos no relato bíblico de um homem por nome Bartimeu que, com necessidades especiais, mendigava à beira do caminho. Marcos (Mc 10:46-52) diz que Jesus não se fez de rogado: pediu que trouxessem o cego até ele, e o curou! As atitudes do Salvador diante de pessoas com deficiências são diametralmente opostas às dos líderes religiosos de então. As párias da sociedade não precisavam desviar-se de Jesus, pois Ele mesmo fazia questão de ir de encontro a elas.

Sobre o papel que a igreja pode e deve desempenhar em questões ligadas às pessoas com deficiência, Ferreira e Ferreira (2021, p. 19) afirmam que “Tudo isso deve provocar uma reflexão na igreja, a qual tem experimentado

um crescimento numérico perceptível, [...] e ainda não se observa sinais de novos valores transformadores na sociedade”.

3.1 Desafios estruturais

Ao tratar o tema da inclusão, Brites e Brites (2019, p. 136) explica que a inclusão

Significa que todas as pessoas devem ter acesso, de modo igualitário, a um determinado grupo, sistema, espaço ou processo de capacitação e de aprendizagem. Assim, não se deve, nesse processo, tolerar nenhum tipo de discriminação de gênero, etnia, religião, classe social, condições físicas, psicológicas, neurodesenvolvimentais e psiquiátricas. **Não tolerar nenhum tipo de discriminação** significa não menosprezar, não isolar e não impedir ninguém, mas também significa criar novas condições dentro de um espaço ou instituição, melhorar a harmonia entre os diferentes, prevenir ações conflituosas, reduzir os riscos de acidentes, de assédio e de *bullying*. Nesse sentido, deve-se também promover a atualização e a capacitação dos agentes adultos responsáveis pelas mais diferentes práticas que conduzem as ações dentro desse sistema, para que não somente **a oportunidade de igualdade** ocorra, mas também a chance de, **sendo diferente**, conseguir aprender no seu ritmo e assimilar as propostas pedagógicas e os conteúdos.

Os autores supracitados, apesar de discorrerem dentro do assunto inclusão no âmbito da escola, permitem que a discussão se torne mais ampla ao pincelar a questão estrutural, similar em vários aspectos à performance escolar. “As instituições – sejam quais forem em sua grande maioria – não foram estruturadas para receber crianças com autismo” (BRITES e BRITES, 2019, p. 141).

O caso de muitas das igrejas não foge à regra. Em larga escala, sofrem com a precariedade das estruturas mínimas para receber pessoas com deficiências, seja uma rampa de acesso para cadeirantes, seja um ambiente seguro para um autista.

Some-se a isso a falta de informação. Não raras vezes, as famílias com pessoas dentro do espectro autista hesitam adentrar um templo para não ter que lidar com os olhares, as expressões de perplexidade diante de algumas estereotípias muito comum em autistas, especialmente em lugares diferentes e com muitos estímulos, sonoros ou visuais, o que frequentemente os desregulam. A esse respeito, Ferreira e Ferreira (2021, p. 98) afirmam que:

A maioria das pessoas autistas apresentam desordens sensoriais, como por exemplo, sensibilidade auditiva, sensibilidade tátil, sensibilidade visual, questões relacionadas à propriocepção e alterações no sistema vestibular, geralmente associadas à dificuldade de socialização. Nós costumamos comparar o ambiente da igreja com um shopping (que também é estimulante demais para os autistas). Barulho, luz e pessoas – a maneira como o cérebro do autista recebe e processa tantas informações e estímulos elevam o nível de estresse, o que pode provocar alguns comportamentos estereotipados, agitação, gritos e, em casos mais críticos, crises sensoriais. Por esse motivo é comum que pessoas autistas demonstrem a necessidade de andar pela igreja, pular, agitar as mãos ou até mesmo emitir sons – é a maneira que encontram para se autorregular e evitar a crise. Segundo, por não saberem lidar com a agitação da pessoa com autismo, ou por vergonha dos julgamentos precipitados a respeito do comportamento do mesmo, ou simplesmente pelo cansaço de não conseguir vislumbrar avanços notáveis no comportamento, muitos pais deixam de ir à igreja e, conseqüentemente, seus filhos não aprendem a lidar com a sobrecarga sensorial do ambiente.

Maluf (2023, p. 15) informa que estereotípias “são comportamentos motores, linguísticos ou posturais repetidos, e a forma como se manifestam é variada. Geralmente, são comportamentos sem motivo aparentes”. Todavia, Barros (2016) contrapõem da seguinte forma:

Compreendemos que no autismo há uma fragmentação da linguagem. Porém, em contrapartida às concepções acima apresentadas de que as estereotípias são desprovidas de significado e sentido, defendemo-las como lugar de sentido que, junto às vocalizações, configuram o funcionamento linguístico multimodal e inserem de maneira singular o autista na linguagem, constituindo-o como sujeito.

Faz-se necessário um olhar mais apurado por parte das comunidades cristãs para com as prementes necessidades das pessoas com deficiências. Partindo do conceito bíblico de acolhimento, espera-se que mais vozes se levantem para fomentar o debate, experienciar a empatia e a busca por caminhos de convergência com o desprovido de lugar. E isto passa pela auto-observação e a autocrítica, pela coragem de mudar conceitos pré-estabelecidos, ainda que cause algum desconforto, mas que se mostre coerente com a mensagem exarada nas Escrituras: “[...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22:39).

3.2 Desafios no acolhimento da família e da pessoa com TEA

Uma das definições para a palavra acolher, no dicionário Michaelis online, é “admitir (alguém) em seu convívio” (Michaelis, 2024), conceito este que abarca de forma muito propícia a proposta deste tópico.

Ser acolhido, no estrito sentido da expressão, pode denotar uma das maiores necessidades do ser humano: a de perceber-se aceito em um ambiente, não deslocado, não preterido, reconhecido, respeitado. Para Bevione (2021, p. 6) “a aceitação nos permite apreciar a grandeza nas outras pessoas ou circunstâncias, mesmo com as suas imperfeições aparentes”.

Não há lugar melhor do que a igreja para proporcionar às pessoas um ambiente de acolhimento, pois uma de suas principais tarefas é receber indivíduos, tratar e transformá-los em cidadãos do Reino. Bezerra (2023, p. 74) afirma que “A Igreja deve ser um lugar de perdão e restauração daqueles que se dispõem a seguir a Jesus Cristo”.

É esse lugar que é desafiado a transformar a mensagem pregada em prática de vida, mas o caminho a percorrer é por demais pedregoso e exige quebra de paradigmas, disposição e coragem. Romper com estruturas enraizadas, acessíveis e cômodas para pessoas neurotípicas certamente irá gerar algum desgaste, mas devem ser vistos como investimento, com a finalidade de contribuir para o acolhimento dos excluídos.

Ainda que oferecer estruturas condignas seja um passo necessário e importante, admitir pessoas com deficiência no seio da comunidade não se resume a isso. Um aspecto essencial, se não o prioritário, é saber a forma de receber. Silva e Rozek (2020, p. 7) declaram que “Para compreender o indivíduo, é preciso realizar um mergulho em sua forma de expressar-se no mundo, ser capaz de observar como se apresenta o TEA nas pessoas [...]”.

Olhar o indivíduo para além das suas limitações e especificidades, encarando-o como merecedor de atenção e percorrendo o caminho do conhecimento das suas particularidades é uma das linguagens do evangelho inteligíveis para o autista e sua família, afinal, a mensagem não se prega apenas vocalizando em cima de um púlpito, mas vivendo-a em todas as expressões.

Sobre isto, Jesus deixou um valioso ensinamento ao receber pelo telhado de uma casa, um deficiente físico, trazido ao mestre por seus amigos, conforme

narra Marcos no segundo capítulo: “[...]Filho! Estão perdoados de ti os pecados” (Mc 2:5). *Breeding et. al* (2008, p. 12) afirmam que

Quando Jesus viu o parálítico, sua deficiência não foi a primeira coisa que viu. Em vez disso, Ele viu nesse homem a mesma coisa que vê em cada um de nós. Viu uma pessoa para quem havia um plano de salvação. Jesus queria que esse homem soubesse que era um filho de Deus. Seus pecados foram perdoados. Jesus olhou o coração do homem, não seu corpo. Jesus não julgou o passado do homem. Ele nem mesmo perguntou ao homem sobre seus pecados. Jesus apenas perdoou o homem. A salvação pertence a todos.

Esse aspecto do acolhimento é extremamente significativo e decisivo para a permanência ou não dessas pessoas e suas famílias dentro da comunidade. Outro passo fundamental a ser dado em direção a receber pessoas com deficiências é o extracampo. Sair das quatro paredes e estabelecer contato através de um ministério de visitação, oração e palavra são exemplos de como acolher não se restringe a um verbo proferido para sensibilizar. Externar apreço durante um rápido encontro no lar possibilitará que vínculos de confiança sejam estabelecidos, e os temores do convívio no ambiente eclesial sejam abrandados.

4. CAMINHOS PARA O ACOLHIMENTO DENTRO DA COMUNIDADE CRISTÃ

Como ponderado no tópico anterior, a definição de acolher supõe a admissão do outro para dentro do espaço comum que, no caso em apreço é a igreja, compreendida por seus integrantes como a comunidade dos salvos. Paulo, apóstolo aos gentios, ao escrever à comunidade cristã em Roma (Rm 15:7), declara: “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos aceitou, para a glória de Deus”. A base na qual se estabelece o princípio do acolhimento é a bíblica. Não somente os textos sagrados corroboram o conceito como os exemplos de personagens demonstram essa realidade.

O apóstolo João demonstra especial preocupação ao exortar os crentes: “Filhinhos, não amemos de palavras nem de boca, mas sim de atitudes e em verdade” (1Jo 3:18), e o faz expondo a possibilidade de que a demonstração

desse amor repouse apenas no conceito abstrato das palavras. *Breeding et. al* (2008, p. 38) fazem a seguinte provocação:

É difícil para você imaginar alguém dizer que seu filho não é bem vindo em uma comunidade de fé? A triste realidade é que isso ocorre com muita frequência. Esses pais, que já enfrentam mais desafios que muitos de nós sequer conseguimos imaginar, são informados de que a igreja não tem espaço para eles. Sentem-se rejeitados e privados do apoio espiritual do povo de Deus – desconectados do corpo de Cristo.

Acolher implica em servir e amar, olhar à maneira de Deus. “[...] Eis que Deus enxerga não como o ser humano vê, porquanto o homem julga e toma em elevada consideração a aparência, mas o Senhor sonda o coração” (1 Sm 16:7).

4.1 Experiência de visita ao Ministério Eficiente

Como parte importante na elaboração deste trabalho acadêmico, este pesquisador visitou a Primeira Igreja Batista de Curitiba a fim de conhecer pessoalmente o pioneiro trabalho desenvolvido na comunidade, denominado de Ministério Eficiente. As visitas foram realizadas no dia 25 de maio de 2024, das 15:00 às 19:00 horas, e 08 de junho de 2024, das 09:30 horas às 17:30 horas, com o acompanhamento da Viviane Reis, líder de grupo de pais de neurodivergentes, e da Daniele Veloso, facilitadora do departamento voltado às pessoas atípicas, que também respondeu a um formulário elaborado com vistas a obter informações sobre a dinâmica e estrutura do ministério e igreja no campo da inclusão.

A começar pelo nome do ministério, a visão da Igreja com relação às pessoas especiais quebra conceitos e estigmas, pois se propõe a receber os deficientes e suas famílias oferecendo o que eles mais precisam: um acolhimento eficiente.

A igreja dispõe de salas estruturadas para que pessoas com TEA sejam recebidas, concomitantemente aos seus pais. Mas, a estrutura física não é o principal diferencial da igreja no acolhimento às pessoas com deficiências: é a sua visão bíblica, cristocêntrica e carregada de compaixão, refletida em todas as direções na qual a igreja se insere.

A PIB Curitiba, ao longo dos seus 110 anos de existência, desenvolve um profícuo trabalho na capital paranaense e, um de seus 10 objetivos, proposto para o crescimento e expansão da igreja, é justamente ser uma comunidade de fé mais includente, que se propõe a receber e acolher pessoas com deficiências. A bandeira da inclusão que a igreja levanta tem uma visão - acolher -, mas inúmeros braços dentro do Ministério Eficiente: para os surdos, deficientes visuais, os cadeirantes e os deficientes intelectuais, que abarca as pessoas com TEA.

Admitir pessoas neurodivergentes em suas celebrações exige investimento em tecnologia, acomodações e acessibilidade e, principalmente informação disseminada a partir da liderança, que compartilha com a membresia a necessidade de receber e cuidar dessas pessoas. E isto é notório nessa comunidade de fé.

Para alcançar os propósitos de acolher as famílias e as pessoas com deficiências físicas, a igreja dispõe de grupos com reuniões regulares onde são realizados estudos bíblicos e juntamente há trocas de experiências entre os pais atípicos. Um detalhe que faz a diferença nesse contexto é que a igreja oferta um grupo para os pais das crianças com necessidades especiais e outro onde essas crianças são cuidadas.

Outra experiência proporcionada pela igreja é a oportunidade dada aos pais e às pessoas neurodivergentes de expor suas dores e sugestões, disponibilizando um simpósio no calendário de eventos para promover uma conversa franca e intencional no sentido de ouvir de quem sofre na pele o preconceito, a incompreensão e a resistência, de que forma a igreja pode facilitar o acesso, a permanência e o desenvolvimento dessas pessoas e suas famílias como parte integrante da comunidade cristã.

A fim de tornar os cultos mais confortáveis para as pessoas com necessidades especiais, a igreja faz o planejamento dos cultos com antecedência, através de um dos seus ministérios, organizando e distribuindo a dinâmica da celebração. Alguns colaboradores da equipe dispõem de decibelímetro, aparelho que mede o nível da pressão sonora durante o ambiente de culto para que não ultrapasse o permitido pela lei, que é de 65 decibéis no período noturno (Senado Federal, 2024). Outros fatores, como a iluminação do

ambiente, também são considerados como relevantes para a acomodação e conforto de pessoas com deficiências.

Além disso, o Ministério Eficiente treina e acompanha os voluntários e a liderança quanto ao atendimento aos atípicos e suas famílias. Para casos de desregulação sensorial em que uma pessoa com TEA se indisponha, há um ambiente chamado de Sala Calma, disponível para baixar os níveis de estímulos desreguladores. Também há o culto AME (Ministério para Pessoas com Neurodiversidades), onde as famílias e as pessoas com TEA participam no mesmo ambiente, de forma livre, sem a rigidez e as formalidades do culto com as pessoas típicas. Nessa celebração, almofadas são espalhadas pelo recinto e os neurodivergentes têm liberdade para expressar suas deficiências sem que isso se mostre como empecilho à adoração, seja andando de um lado para outro, seja manifestando suas estereotípias. Eles estão completamente incluídos na celebração.

Chama a atenção o fato de um dos colaboradores ser surdo e, apesar da sua especificidade, a igreja conseguiu promover a integração da pessoa em seus quadros de serviço durante o expediente de culto. *Breeding et. al* (2008, p.26) afirmam que “Historicamente, o comportamento e o tratamento da sociedade com as pessoas especiais limitam e segregam indivíduos com um potencial enorme para enriquecer nossa cultura e nossa sociedade”. A realidade na PIB Curitiba é justamente o oposto: sua visão permite alçar alguém vulneravelmente suscetível à invisibilidade para um lugar de utilidade e dignidade. Esta postura se mostra perfeitamente alinhada com a mensagem de Jesus pregada nos evangelhos.

5. CONCLUSÃO

As pessoas com necessidades especiais, em particular as que estão dentro do Transtorno do Espectro Autista, motivo deste trabalho, são pessoas com uma identidade, anseios, demandas e carências como qualquer ser humano, e precisam ser integrantes da sociedade de forma ativa, pujante, em todos os aspectos, evidentemente, da igreja.

Um dos papéis da igreja se revela justamente no convite de Jesus que ecoa há dois milênios: “Vinde a mim todos os que estais cansados de carregar suas pesadas cargas, e Eu vos darei descanso” (Mt 11:28). Acolher se torna essencial nesse tempo desafiador, onde os transtornos mentais aparecem nos relatórios de saúde com expressivos números de diagnósticos. A esse prognóstico, a igreja pode e deve reverberar as palavras de Jesus, buscando alternativas e tornando-se a resposta possível aos neurodivergentes e suas famílias.

Responder a essa demanda é medicinal para a saúde espiritual da igreja, visto que dá a ela a oportunidade de viver o evangelho ensinado por Cristo, como também ressignifica sua missão, pois as pessoas atípicas e suas famílias também estão incluídas na mensagem de salvação, consolo e descanso prometidos por Jesus aos que acreditam nele (Mt. 11:30).

Para além das salas e estruturas, reformas e construções tão necessárias, é a mentalidade que precisa ser trabalhada no seio da igreja, com informação, conscientização, estímulo ao debate e assimilação do seu lugar, bem como do lugar das pessoas com necessidades especiais. Incluir, integrar, acolher com ações simples, mas sinceras, intencionais e carregadas do amor ensinado por Cristo são passos cruciais na longa jornada proposta pelo evangelho.

As complexidades do tema são reais e diversas, algo do qual não se poderá fugir ou adiar. A mensagem cristã confronta e exige uma resposta, chamando-nos à responsabilidade: “[...] Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais [...]” (Lc 18:16). É preciso olhar para a criação de Deus e suas famílias e acolhê-las em nossas comunidades de fé, da mesma forma que Cristo fez.

Esta pesquisa buscou despertar o olhar mais sensível para a realidade das pessoas neurodivergentes e suas famílias, dentro do contexto de culto. É evidente que o assunto abre espaço para inúmeras discussões e apontamentos e, por meio desta, pretende-se contribuir para o fomento de mais trabalhos que abordem a temática dentro da comunidade acadêmica, bem como deseja contribuir com as igrejas cristãs ao apresentar um exemplo bem-sucedido no campo da inclusão de uma comunidade eclesial brasileira que pode servir como referência para outras ao redor do país e do mundo.

REFERÊNCIAS

ACOLHER. *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S. L.]: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/acolher/>. Acesso em: 07 jun. 2024.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FONTE, Renata Fonseca Lima da. **Estereótipias motoras e linguagem**: aspectos multimodais da negação no autismo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-639820169895>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4 ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2012.

BEVIONE, Julio. **Aceitação**: viver em paz. Edição digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

BEZERRA, Cícero Manoel. **Eclesiologia**: Igreja e perspectivas pastorais. 2 ed. Curitiba, PR: InterSaberes, 2023.

BÍBLIA. Português. **Bíblia King James Atualizada**. 1ª ed. São Paulo: Abba Press, 2012.

BRASIL. IBGE. **Estimativas da População**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-projecao-da->. Acesso em: 02 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº PL 5.100/2019. Estabelece limites para emissão sonora resultante das atividades em templos religiosos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF. 09 maio 2024. Sessão 08/05/2024, p. 82.

BREEDING, Malesa; HOOD, Dana; WHITWORTH, Jerry. **Deixe vir a mim todas as crianças**: Um Guia Prático para Inclusão de Crianças com Necessidades Especiais no Ministério de sua Igreja. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2008.

BRITES, Luciana; BRITES, Clay. **Mentes Únicas**: aprenda como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades impulsionando seu potencial. 3 ed. São Paulo: Editora Gente, 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. CDC. **Dados e Estatísticas sobre o Transtorno do Espectro Autista**. <https://www.cdc.gov>, 2024. Disponível em: <https://www.cdc.gov/autism/data-research/index.html>. Acesso em: 02 jun. 2024.

FERREIRA, Glauco Magalhães; FERREIRA, Angélica Gomes de Freitas. **Autismo na Igreja**: Edificando uma igreja para todos. 1 ed. Rio de Janeiro: Publicação Independente, 2021.

FIGUEIREDO, Tarciano. **O papel da Igreja com o Autismo**. 1 ed. Joinville, SC: Clube de Autores, 2024.

KELLER, Timothy. **Racismo e Justiça à luz da Bíblia**. 1 ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2020.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Autista... e agora?** Teorias e práticas vivenciais. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

Mello, AG - **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade**: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. <https://www.scielo.br/>, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/J959p5hgv5TYZgWbKvspRtF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2024.

Ministério Público do Estado de Mato Grosso. **Por que o Brasil pode ter 6 milhões de autistas?** Disponível em: <https://mpmt.mp.br/portalcas/news/1013/123113/por-que-o-brasil-pode-ter-6-milhoes-de-autistas>. Acesso em: 02 jun. 2024.

NOUWEN, Henri. **O caminho do coração**: a espiritualidade dos Padres e Madres do Deserto. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Jáima Pinheiro de. **Educação especial**: formação de professores para a inclusão escolar. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 maio 2024.

OMS. **Autismo**. World Health Organization, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SILVA, Karla Fernanda Wunder da; ROZEK, Marlene. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**: Mitos e Verdades. 1 ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2020.

VENTURA, Luiz Alexandre Souza. **Resultado do Censo 2022 sobre pessoas com deficiência só deve sair no último trimestre de 2024**: ainda não há data definida, segundo o IBGE. perguntas sobre deficiências e autismo entraram somente no questionário de amostra. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/vencer-limites/resultado-do-censo-2022-sobre-pessoas-com-deficiencia-so-deve-sair-no-ultimo-trimestre-de-2024/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

WASHER, Paul. **O Poder do Evangelho e sua Mensagem**. 1 ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

Wordsofwesley.com. **The Way to the Kingdom by John Wesley**: Text from the 1872 edition – Thomas Jackson, editor. Disponível em: [wordsofwesley.com](https://www.wordsofwesley.com/), [1872]. <https://www.wordsofwesley.com/libtext.cfm?srm=7>. Acesso em: 22 maio 2024.